



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 12, pp. 43165-43169, December, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.20640.12.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ESTUDO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO BRASIL

***Thony Anderson de Aguiar Matozo, Edson Aparecida de Araujo Querido Oliveira, Marilsa de Sá Rodrigues and Edson Trajano Vieira**

Universidade de Taubaté/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Rua Visconde do Rio Branco, 210, Taubaté/SP, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 20th September, 2020
Received in revised form
27th October, 2020
Accepted 29th November, 2020
Published online 31st December, 2020

Key Words:

Desenvolvimento Regional,
Economia Criativa,
Cidade Criativa, Inovação.

*Corresponding author:

Thony Anderson de Aguiar Matozo,

ABSTRACT

O estudo teve por objetivo fazer uma análise entre análise da relação entre o mercado de trabalho formal, no tocante às taxas de emprego, a partir de dados do IBGE, e o setor da economia criativa, por meio de estudos da FIRJAN e do antigo Ministério da Cultura. Pauta-se em trabalhos acadêmicos e pesquisa da UNCTAD que mostram a significância que a economia criativa pode ter ao se tornar um meio transformador e de incentivo para o desenvolvimento das cidades em dada região. Trata-se de pesquisa do tipo qualitativa com objetivos exploratório e descritivo. O procedimento técnico utilizado para a coleta dos dados se deu por meio de pesquisa bibliográfica em artigos científicos disponibilizados em bases de dados. Evidencia-seno estudo o aumento da participação do setor criativo a cada ano que passa e sua relevância no desenvolvimento assim como nas economias locais. É de grande importância o investimento em políticas e a criação de normas que torne cada vez mais viável a economia criativa para desenvolvimento das cidades e diminuição dos níveis de desemprego e geração de renda.

Copyright © 2020, Thony Anderson de Aguiar Matozo et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Thony Anderson de Aguiar Matozo, Edson Aparecida de Araujo Querido Oliveira, Marilsa de Sá Rodrigues and Edson Trajano Vieira, 2020. "Economia criativa e desenvolvimento regional: estudo do mercado de trabalho formal no Brasil", *International Journal of Development Research*, 10, (12), 43165-43169.

INTRODUCTION

Para o IPEA (2019) a economia criativa tem sido considerada uma alternativa aos ciclos de baixo crescimento econômico, desemprego, exclusão social, degradação urbana e da qualidade de vida. É certo que há um consenso sobre a vinculação original do tema com a cultura, que dá novo fôlego às indústrias culturais e amplia a percepção da economia da cultura ao agregar setores dinâmicos de alta tecnologia na economia criativa. O IPEA (2019) considera que as atividades criativas são abrangentes, englobam indústrias culturais, produção cultural e artística, atividades de diferentes mídias e as tecnologias da comunicação, mais ainda, é composta por uma grande variedade de segmentos que têm impactos sociais, efeitos multiplicadores na economia dos territórios onde se desenvolvem e nos comportamentos culturais. Tais características dotam o conceito de economia criativa de fluidez, fazem com que ele configure políticas públicas sempre as relacionando com insumos, capacidades e institucionalidades locais, assim, a criatividade pode ser

definida como processo de geração de ideias e ações não completamente previstas nas matrizes e nos paradigmas e formas de resolução de problemas vigentes. Brasil (2011) define o setor criativo como "todos aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço", e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica. O relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre economia criativa no ano de 2008, se deu em um momento no qual a economia mundial estava passando por um período de expansão. Conforme o relatório era possível concluir que as indústrias criativas estavam situadas entre os setores mais dinâmicos dentro da economia mundial, e como consequência oferecia novas oportunidades de crescimento considerável para os países em desenvolvimento. Desde a criação do referido relatório a economia mundial já estava passando por momentos de turbulência. O referido relatório está sendo utilizado em larga escala por legisladores, profissionais ligados ao desenvolvimento e ainda por pesquisadores. A economia criativa pode ser considerada

como a economia do intangível, do simbólico (BRASIL, 2011) pois tem por base e referência os talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos. Tal economia é caracterizada por abundância e não pela escassez, pois possui dinâmica própria e assim, se diversifica dos modelos econômicos tradicionais, ainda se encontram em construção, carecendo ainda de legislação e bases conceituais consentâneas com os novos tempos. Segundo a UNCTAD (2008) apesar da crise econômica e financeira mundial em 2008 ter provocado uma queda na demanda global, além de uma concentração de 12% no comércio internacional, as exportações mundiais de produtos e serviços criativos continuaram a crescer, alcançando 592 (quinhentos e noventa e dois) bilhões em 2008, mais que o dobro do volume em 2002 indicando uma taxa de crescimento anual de 14% durante seis anos consecutivos. Tais dados demonstram o fato de que as indústrias criativas detêm um potencial de crescimento para os países em desenvolvimento que buscam diversificar suas economias.

Praticamente todos os países enfrentam e são afetados pela recessão global, e como consequência ocorre um certo retardo no progresso e desenvolvimento mundial. O relatório indica como a criatividade, conhecimento, cultura e tecnologia podem impulsionar a criação de empregos, inovação e ainda inclusão social, e ainda mostra que o comércio mundial de produtos e serviços criativos continuou sólido de maneira relativa no momento em que o comércio internacional em geral estava em recesso. Em momentos de crises, são necessárias a criação de oportunidades para que o desenvolvimento seja fortalecido através de estratégias, inovação e políticas para a economia criativa. Em 2010 em seu segundo relatório a respeito de economia criativa, a ONU já considerava o tema como atual em sua agenda econômica e de desenvolvimento internacional. De acordo com o estudo, a economia criativa sendo estimulada de forma adequada, incentiva a cultura, e o desenvolvimento centrado no ser humano, constituindo uma maneira viável para criação de trabalho, inovação e comércio, ao mesmo tempo que pode contribuir para inclusão social, diversidade cultural e ainda com a sustentabilidade ambiental. Foram evidenciados no relatório do ano de 2010 que ao contrário do sugerido pelo senso comum, o mercado não possui capacidade milagrosa de como abordar desequilíbrios econômicos, e assim são necessárias políticas e ações para impulsionar o desenvolvimento. Em tal contexto, o debate sobre a dimensão do desenvolvimento da economia criativa busca um novo modelo de desenvolvimento melhor adaptado às atuais realidades da sociedade contemporânea.

De acordo com o relatório da ONU (2010) a economia mundial teve a sua maior recessão dos últimos 70 anos entre os anos de 2008 e 2009, e como consequência prejudicou de maneira grave o crescimento, a geração de emprego e a qualidade de vida das pessoas. A crise mostrou as limitações das principais políticas econômicas, e deu sinais sobre a necessidade de reformas econômicas e financeira profundas, através de novas abordagens para o desenvolvimento de estratégias, além do necessário equilíbrio entre governo e mercado. Diante do cenário econômico atual, o estudo da economia criativa se destacando e mostrando-se uma oportunidade de desenvolvimento econômico, por meio da geração de emprego e renda (KOGA, 2015). As novas gerações enfrentam uma crise política e econômica e os efeitos

refletem de maneira intensa no mercado de trabalho dificultando acesso ao emprego formal e a geração de renda. A demanda global diminuiu de maneira considerável nos países desenvolvidos, e as nações emergentes em rápido crescimento tiveram um desempenho relativamente melhor e sobrevivendo com menos danos, de acordo com o relatório da ONU (2010). Mesmo as tradicionais indústrias fabris sendo atingidas gravemente pela crise, os setores criativos baseados em conhecimento demonstraram estarem mais resilientes a choques externos. Entretanto a economia continua frágil mesmo com suas políticas buscando a amenização, e a recuperação não deve depender basicamente do aumento de demanda das nações mais industrializadas. Os países em desenvolvimento devem buscar novas oportunidades e aprimorar suas capacidades criativas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mantém uma série de estudos e pesquisas estatísticas na área de economia com foco no empreendedorismo visando analisar as empresas em suas taxas de entrada, além da mobilidade e idade média das empresas. No tocante a atualização dos dados cadastrais e econômicos do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) se dá de maneira anual, conjugando as informações provenientes das pesquisas estruturais por empresas nas áreas de Indústria, Construção, Comércio e Serviços do IBGE, do Sistema de Manutenção Cadastral (SIMCAD) do CEMPRE e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

METODOLOGIA

A abordagem da referida pesquisa é do tipo qualitativa. Em relação aos objetivos é exploratória e descritiva. O procedimento técnico utilizado para a coleta dos dados se deu por meio de pesquisa bibliográfica mediante artigos científicos disponibilizados nas bases de dados. O levantamento e comparativos estatísticos de acesso público foi obtido a partir de dados da UNCTAD, FIRJAN, IBGE e Ministério da Cultura visando trazer uma correlação com a economia criativa.

RESULTADOS

Segundo a FIRJAN (2019) entre os anos de 2014 a 2017, a participação do PIB Criativo girou em torno de 2,62%, com pequenas oscilações e teve seu pico em 2015 (2,64%). Em 2017 o PIB Criativo representou 2,61% de toda a riqueza gerada em território nacional. Dentre uma nova consolidação de novas relações trabalhistas, uma série de fatores contribuiu para o surgimento de tais relações. O surgimento de modelos de negócios faz com que aconteça mudanças nas estruturas trabalhistas tradicionais. Para a FIRJAN (2019), o progresso na área de tecnologia e conectividade possibilitaram o surgimento de uma infinidade de formas de trabalhos até então desconhecidas, tais como o trabalho remoto e dinâmicas por exemplo similares ao Uber. De acordo com o IBGE (2019), o saldo de empresas, registrado pela diferença entre entradas e saídas, permaneceu negativo em 2017, assim como entre 2014 e 2016, uma vez que as saídas totalizaram 699,4 mil empresas, e as entradas somaram 676,4 mil. Em comparação ao ano de 2016, houve um decréscimo de 0,5% no número de empresas (22,9 mil), e de 0,4% tanto no pessoal ocupado total (163,0 mil) quanto no pessoal ocupado assalariado (134,9 mil). Já no ano de 2017, as entradas somavam 676,4 mil empresas e representaram 829,4 mil pessoas assalariadas no mercado de trabalho formal. As saídas somaram 699,4 mil empresas, correspondendo a um total de 469,4 mil pessoas assalariadas.

Já na comparação com 2016, as entradas foram 4,3% maiores e ocasionaram um acréscimo de pessoal ocupado assalariado de 12,2%. As saídas de empresas, por sua vez, foram 2,8% menores e, no pessoal ocupado assalariado, redução de 7,4%. Comparando dados do IBGE (2019), as empresas que entraram no mercado em 2017 apresentaram taxa de 15,2% e ganho de 2,6% no pessoal ocupado assalariado. A taxa de saída foi de 15,7%, o que gerou uma perda de 1,5% no pessoal ocupado assalariado. Conclui-se que a diferença entre entradas e saídas resultou em um saldo positivo de pessoal assalariado de 360,0 mil pessoas, apesar de o saldo do número de empresas ter sido negativo (-22,9 mil empresas). Considerado os anos entre 2008 e 2017, período disponível para as informações relacionadas à demografia das empresas, foi observado que ocorreu uma mudança na dinâmica empresarial brasileira, a taxa das empresas sobreviventes aumentou de 78,1% para 84,8% (6,6 pontos percentuais), enquanto as taxas de entrada e de saída recuaram de 21,9% para 15,2% (-6,6 pontos percentuais) e 17,5% para 15,6% (-2,0 pontos percentuais).

Ocorreu também que a maior taxa de sobrevivência foi no ano de 2016, 85,5%, a de entrada em 2009, 22,2% e a de saída em 2014, 20,4%. A taxa de entrada foi superior à de saída entre 2008 e 2013. A partir de 2014, houve uma inversão, com a taxa de saída ficando acima da taxa de entrada. Comparando os anos de 2016 e 2017, houve redução da taxa de sobrevivência (-0,7 ponto percentual) e da taxa de saída (-0,3 ponto percentual), enquanto a taxa de entrada cresceu 0,7 ponto percentual. É possível concluir que a taxa de sobrevivência tem uma relação direta com o porte da empresa. As empresas com mais pessoas assalariadas tendem a permanecer mais tempo no mercado; nas faixas de menor número de pessoas ocupadas assalariadas, entretanto nas empresas que há grandes movimentos de entrada e saída, as taxas de sobrevivência são consideravelmente menores, de acordo com estudo (IBGE, 2019). Segundo a FIRJAN (2019), a economia criativa, aquela que utiliza a inventividade para a geração de valor econômico, chegou a movimentar R\$ 171,5 bilhões no ano de 2017 no Brasil. Já o Produto Interno Criativo foi responsável por 2,61% de toda a riqueza produzida no território nacional contando com mais de 800 mil trabalhadores formais naquele período. Pode-se dizer que boa parte de crescimento da indústria criativa está fortemente ligado à transformação digital e mais importante ainda, pela valorização da experiência do usuário.

Por meio de seu mapeamento da indústria criativa no Brasil, a FIRJAN (2019) concluiu que a busca por profissionais digitais e inovadores cresceu e foram abertos mais de 24 mil postos de trabalho nos últimos anos. A área de Tecnologia empregou 37,1% dos profissionais que atuam com Economia Criativa. Analisando os dados da pesquisa FIRJAN (2019), o Brasil teve 1,7 milhão de postos de trabalho encerrados e várias profissões criativas foram muito buscadas no período entre os anos de 2015 a 2017, todas se relacionam ao setor digital com valorização da experiência do consumidor. Em conjunto foram responsáveis pela geração de 25,5 mil postos de trabalho. Segundo o IBGE (2019), no ano de 2017, o CEMPRE continha 4,5 milhões de empresas ativas que ocupavam 38,4 milhões de pessoas, sendo 31,9 milhões (83,1%) como assalariadas e 6,5 milhões (16,9%) na condição de sócio ou proprietário. A idade média das empresas era de 11,5 anos. Do total de empresas ativas, 84,8% (3,8 milhões) eram sobreviventes, 15,2% correspondiam a entradas (676,4 mil),

das quais 11,3% referentes a nascimentos (503,2 mil) e 3,9%, a reentradas (173,2 mil). As empresas que saíram do mercado totalizaram 15,7% (699,4 mil empresas). As empresas sobreviventes destacaram-se também no pessoal ocupado total (95,6%), no pessoal assalariado (97,4%) e nos salários e outras remunerações pagos no ano (99,0%). Já as empresas que entraram em atividade em 2017 tiveram participação de 4,4% no pessoal ocupado total e de 2,6% no pessoal ocupado assalariado. As empresas que saíram do mercado, por sua vez, representaram 3,6% e 1,5%, respectivamente. Com base no estudo do IBGE (2019), comparando as taxas de saída no Brasil e Grandes Regiões nos anos de 2008, 2012 e 2017, é indicado que a trajetória foi de redução, exceto a Região Sudeste que registrou taxa de saída de 16,5% no ano de 2008, aumento para 16,9% em 2012, diminuindo para 15,7% em 2017. Foram observadas que as maiores taxas ocorreram na Região Norte em todos os anos. Segundo ainda o IBGE (2019) o total de 20.306 empresas de alto crescimento em 2017 representou o menor número quando a pesquisa teve seu início em 2008, tendo o valor mais elevado no ano de 2012, com 35.206 empresas, representando uma diferença de 14.900 empresas (73,4%). Tem-se notado que desde 2013, esse quantitativo tem diminuído, assim como o de pessoal assalariado. Ou seja, o panorama econômico nacional tem tornado cada vez mais difícil para as empresas brasileiras se enquadrarem nesse critério. Observa-se ainda que um aumento médio de 20,0% ao ano por três anos consecutivos é cada vez mais restrito a um número menor de empresas. Desde o ano de 2013, de acordo com o IBGE (2019) ocorreu uma queda contínua na taxa de crescimento. O pessoal assalariado passou de 5,0 milhões de pessoas, em 2013, para 2,5 milhões, em 2017, e a participação relativa caiu de 14,2% para 7,9%. Os salários e outras remunerações passaram de R\$ 107,5 bilhões, em 2013, para R\$ 70,8 bilhões, em 2017. A participação relativa se reduziu de 12,6% para 6,9%. O salário médio mensal, medido em salários mínimos, caiu de 2,9 salários mínimos, em 2008, para 2,5 salários mínimos em 2012.

DISCUSSÃO

Koga, Vieira e Rodrigues (2015), ensinam que a economia criativa pode trazer mais opções de trabalho aos jovens e ainda existe a possibilidade de colocar suas habilidades em prática, e consequente geração de emprego e renda. A economia criativa tem relação direta com o desenvolvimento regional, visto que trabalha com aspectos culturais que podem diferenciar uma região, dentro do contexto global, atraindo e estimulando o crescimento e desenvolvimento daquela região. Cabe ao poder público local dar o suporte e garantia para que as Políticas sejam aplicadas no desenvolvimento das cidades. De acordo com Vieira (2013) a crise econômica e a desindustrialização após o ano de 2013 atingiu de maneira mais forte o setor industrial, com destaque para o automobilístico, o que resultou na queda do emprego no município de Taubaté-SP, e o consequente aumento do desemprego. Alternativas para geração de emprego e renda devem ser buscadas principalmente nos momentos de crise. A economia criativa assim pode ser uma maneira importante e alternativa para os setores mais tradicionais tais como o que ocorreu na indústria automobilística em Taubaté. A conceituação de desenvolvimento econômico ainda é discutido e se confunde com o conceito de crescimento econômico; para Santos (2014), a diferença básica está no produto social atingido, em sua relação de distribuição das riquezas criadas. O desenvolvimento tem que ser pensado a partir das diferenças

culturais de cada sociedade, bem como na especificidade de cada localidade ou determinada região. O desenvolvimento regional tem por competência as relações sociais e econômicas no espaço de uma determinada região, levando-se em conta suas características geográficas, históricas e culturais, e exigindo a necessidade de definir a região em contexto (SANTOS, 2016). Verifica-se que a Tecnologia está dentre várias áreas com grandes perspectivas e alto desempenho, tais como as atividades ligadas à criação de softwares, sistemas, consultoria em Tecnologia da Informação (TI). Outro campo de grande importância se trata das cidades inteligentes, o qual fornece muitas oportunidades de negócio. A utilização dos transportes compartilhados, por exemplo, já é uma realidade em grande parte das cidades brasileiras. Para tornar as cidades mais inteligentes, algumas soluções incluem inovações nas áreas de mobilidade urbana, atendimento ao cidadão, saúde pública, educação, TI, sustentabilidade, segurança e economia, novas soluções criativas surgem a todo instante. Na pesquisa realizada no período de crise da indústria automobilística em 2013, os números revelados no mapeamento da economia criativa em Taubaté revelaram que o setor teve um crescimento considerável e de maneira mais acelerado em relação a média dos demais segmentos da economia, demonstrando assim pelos dados estatísticos que a economia criativa comprova sua força frente a crise econômica à época ocorrida.

É perceptível que recuperou em 2013 para 2,8 salários mínimos, mantendo-se estável em 2,7 salários entre 2014 e 2015. No ano de 2016 caiu para 2,5 salários; atingindo 2,6 salários em 2017. Comparando com 2016, ocorreu redução de 3,3% no número de empresas de alto crescimento e de 6,1% no pessoal ocupado assalariado, o que representou o quinto ano consecutivo de queda em ambas as variáveis, muito embora as reduções em 2017 tenham sido menores do que as observadas desde 2013 para o número de empresas e desde 2014 para o pessoal ocupado assalariado. Para a Secretaria Especial da Cultura as atividades culturais e criativas geram 2,64% do PIB brasileiro e ainda são responsáveis por mais de um milhão de empregos formais diretos, segundo estudo da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN), baseado em dados do IBGE. No setor há cerca de 250 mil empresas e instituições e pesquisas da consultoria *Pricewaterhouse Coopers*, indicam que entre os anos de 2013 e 2017 o setor cresceu a uma taxa média anual de 8,1%, bem acima do conjunto da economia. Já a participação no PIB, por sua vez, é superior à de setores tradicionais, como as indústrias têxtil e farmacêutica. Assim sendo os dados evidenciam a relevância do setor, de seus agentes e também da Secretaria e da política cultural. Os dados sobre o crescimento da economia criativa no mundo são indiscutíveis, de acordo com as estimativas da UNESCO, o comércio internacional em bens e serviços culturais cresceu, em média, 5,2% ao ano entre 1994 (US\$ 39 bilhões) e 2002 (US\$ 59 bilhões), (BRASIL, 2011). Porém, tal crescimento continua concentrado nos países desenvolvidos, responsáveis por mais de 50% das exportações e importações mundiais. Paralelamente, pesquisas da Organização Internacional do Trabalho apontam para uma participação de 7% desses produtos no PIB mundial, com previsões de crescimento anual que giram em torno de 10% a 20%.

Conclusão

Uma comparação entre os relatórios da UNCTAD dos anos de 2008 e 2010 ficou evidenciado que houve um aumento da

participação do setor criativo, demonstrando a cada ano a importância do setor no desenvolvimento dos países assim como das economias locais, fato esse percebido também ao se verificar os números do IBGE e da FIRJAN nos períodos mais críticos da economia, apresentando número de maior geração de empregos e renda em contrapartida da crise financeira. É de grande relevância o investimento em políticas e criação de legislação que torne cada vez mais viável a economia criativa para desenvolvimento das cidades e diminuição nos níveis de desemprego e geração de renda. Assim a injeção de recursos e criação de programas governamentais incentivando a economia criativa é de vital importância e pode ser uma solução viável para desenvolver a economia e alavancar uma maior quantidade de pessoas com disponibilidade de possuir uma renda, visto que em uma crise econômica o trabalhador se torna o mais vulnerável na relação entre emprego e empregador.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial da Cultura. Economia Criativa. Disponível em: <http://portal-cultura.apps.cultura.gov.br/economia-criativa/>. Acesso em: 3 abr. 2020.
- BRASIL. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações de 2011 a 2014. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/09/Plano-da-Secretaria-da-Economia-Criativa.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020.
- FIRJAN. Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/Economia-Criativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.
- IBGE. Demografia das Empresas e Empreendedorismo 2017: taxa de sobrevivência foi de 84,8%. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25738-demografia-das-empresas-e-empreendedorismo-2017-taxa-de-sobrevivencia-foi-de-84-8>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- IBGE. Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo 2017. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101671.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- IPEA. A economia criativa sobre medida: conceitos e dinamismo das classes criativas. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/211444/1/167177731X.pdf>. Acesso em 21 ago. 2020.
- Koga, A. C. B. C.; Vieira, E. T.; Rodrigues, M. S. A geração Y e o desenvolvimento da economia criativa. *Latin American Journal of Business Management*, [S.l.], v. 6, n. 3, jan. 2016. ISSN 2178-4833. Disponível em: <https://www.lajbm.com.br/index.php/journal/article/view/298>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- Reis, A. C. F.. Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte - São Paulo, v. 4, n. 1 abril 2011. Reflexões Estéticas. Cidades Criativas – Burilando um Conceito em Formação. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/12_IARA_v014_n1_Reflexoes.pdf. Acesso em: 5 ago. 2020.
- Santos, F. R. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 12, n. 2, 2016. Economia Criativa e o Desenvolvimento no Município de Taubaté-SP. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/2317>. Acesso em: 2 jul. 2020.

Santos, F.R.. Alumni. Revista Discente da UNIABEU. v.2, n.3, 2014. A Economia Criativa Sobre a Perspectiva do Desenvolvimento Regional. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/article/view/1420>. Acesso em: 2 jul. 2020.

UNCTAD. Relatório de Economia Criativa. 2010. Economia Criativa: Uma Opção de Desenvolvimento Viável. Disponível em: https://unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em: 21 jun. 2020.

Vieira, E. T. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 14, n.2, 2018. Economia Criativa como Alternativa a Redução do Emprego da Indústria Automobilística em Taubaté-SP. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/3593>. Acesso em: 5 ago. 2020.
